

Aids na reserva altera vida de índios e brancos

CURITIBA — A contaminação pelo vírus da Aids do índio xoclingue Valmir Gomes, de 33 anos, constatada no ano passado pelos médicos da Funai, colocou em xeque a vida na reserva de Ibirama, a 163 quilômetros de Florianópolis, bem como em toda região vizinha.

O comportamento de índios e brancos foi muito alterado. O medo tomou conta dos índios, que não sabem exatamente que mal os ameaça. As instituições encarregadas de cuidar dos corpos e das almas dos índios — a Funai e as igrejas — contribuem muito pouco para esclarecê-los. Mortes na reserva ocorridas em circunstâncias misteriosas, começam a ser creditadas à Aids. Já se observa um refluxo na atividade dos "estabelecimentos" que vivem da atividade dos índios: os prostíbulo e as serrarias, que compram secretamente a madeira nobre da floresta nativa, que os índios estão proibidos de cortar.

ANITA

A companheira de Valmir Gomes, durante mais de três anos, reclama que não pode sequer sair de casa. Portadora do vírus, Anita Gomes dos Santos é viúva há quatro anos e tem seis filhos, dentre os quais Priscila, de seis meses, cujo pai é o xoclingue com Aids. Rejeitada pelos vizinhos, Anita não encontra quem doe leite materno para sua filha, que não pode ser alimentada por ela, devido à ordem médica. Ansiosa, pergunta aos repórteres, "o que acontece com uma pessoa que tem Aids". Ela reclama de Valmir Gomes, que "não ajuda nada e bebe demais".

Com aparência forte e saudável, Anita afirma que é "decente e trabalhadeira". Revolta-se com as afirmações da vizinhança e do chefe do posto da Funai, Luís Bavaresco, de que ela é prostituta. Priscila, sua filha, também tem boa aparência e, segundo os médicos, só será submetida a testes ao completar 15 meses, quando os resultados se mostrarem mais seguros. Anita é acusada pelo cacique Elpidio Priprá de ter transmitido o vírus a Valmir. Nos próximos dias, ela será submetida a novos testes.

O pai de Valmir, Osvaldo, diz que o filho só precisa tratar do alcoolismo e, se ele é de fato alérgico, é por causa de uma prostituta que morreu da doença em maio, depois de uma convivência por um ano. Valmir é protegido por um grupo armado, que impede a aproximação de estranhos.

"DEUS PROÍBE"

Na reserva, duas igrejas evangélicas e uma católica impedem os índios de usar preservativos, considerados "proibidos por Deus". A enfermeira caingangue Faavei, ligada à Assembleia de Deus, diz que a orientação para os índios é que não tenham contato com mulheres de fora e esperem até encontrar alguma para casar.

O chefe do posto da Funai assegurou que os índios recebem toda a assistência e esclarecimento. Já o médico Jailson de Lima, demitido da prefeitura de Ibirama por criticar a aplicação das verbas de saúde, discorda: "A Funai fez algumas reuniões e acabou. Fizeram tudo errado". Jailson se refere à aplicação de 30 testes Elisa nos índios: "É um procedimento errado, porque há um período de latência em que o vírus não aparece".

Nos prostíbulos da região, sustentados pelo dinheiro dos índios, conseguido com a venda da madeira da reserva, a atitude é de temor. "Os índios sumiram. Acho que é o problema da Aids e da falta de dinheiro, pois a madeira está acabando", diz uma mulher de uma das casas noturnas de Ibirama.



Sérgio Vieira/AE

Anita e sua filha, Priscila: fora da comunidade

Governo cria projeto para área indígena

BRASÍLIA — A notificação de dois casos de Aids em índios — um em Santa Catarina e outro em Mato Grosso — foi o motivo principal de uma reunião entre superintendentes regionais da Funai e funcionários do Ministério da Saúde, realizada na semana passada para elaborar o Projeto Índio, que até 1991 pretende levar às comunidades indígenas as informações sobre a doença, modo de prevenção e tratamento.

O primeiro passo, já definido, é um levantamento do número de índios infectados por Aids e por outras doenças sexualmente transmissíveis. Preliminarmente, segundo Inocência Negrão, coordenadora do projeto, serão visitadas as comunidades com maior contato com os brancos, já que a Aids "é uma doença de homens brancos". Cada um dos superintendentes da Funai determinará as áreas de maior risco dentro de sua jurisdição e, a seguir, uma equipe fará no Ministério da Saúde um treinamento sobre as formas de contágio, prevenção e diagnóstico da doença.

ESPIRITUAL

Na visão dos índios, segundo Inocência Negrão, a Aids é uma doença espiritual, "que só pajé consegue tirar". A educação a ser aplicada a cada uma das 180 nações indígenas espalhadas pelo País deverá se adaptar ao grau de aculturação de cada uma. No Nordeste, por exemplo, onde a maioria das tribos é aculturada e convive entre os brancos, o método a ser usado seguirá os mesmos procedimentos dos demais habitantes: folhetos, recomendação do uso de preservativo, desestímulo à promiscuidade sexual. No caso da tribo ianomami, diz Inocência, que vive no Norte do País, "a Aids não existe, pois eles vivem isolados".

Os dois índios infectados pelo vírus da Aids são aculturados. Além do Valmir Gomes, o índio xoclingue de Santa Catarina, há outro, da tribo pororó, do Mato Grosso, que viveu em São Paulo, mas encontrava-se em Cuiabá quando foi diagnosticada a doença.

As equipes a serem definidas pelas superintendências regionais da Funai é que estarão encarregadas do levantamento dos casos de Aids entre os índios, além de realizar o programa educativo.



Sérgio Vieira/AE

Faavei: preservativo, não